



ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC

Flavia Cristina Ferreira^{1*}, Marília Schutz Borges¹, Iara do Nascimento¹, Joice da Silva Paes¹

¹ Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil.

*flaviaacristina@unescc.net

INTRODUÇÃO

O conhecimento popular sobre plantas medicinais constitui importante recurso terapêutico em diversas comunidades, especialmente em contextos de menor acesso aos serviços de saúde (1). O uso de *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze, popularmente conhecida como penicilina ou terramicina, é amplamente difundido no Brasil, principalmente por suas propriedades anti-inflamatórias e antimicrobianas (2, 3, 14). Os estudos etnobotânicos são relevantes por permitirem o resgate, registro e valorização dos saberes populares, além de possibilitarem o diálogo com o saber científico (4). Diante da crescente demanda por terapias naturais, este trabalho investiga o uso tradicional da *A. brasiliana* por moradores do bairro São Sebastião, no município de Criciúma/SC, com ênfase nas práticas de uso, indicações terapêuticas e formas de preparo da planta. O estudo contribui para o reconhecimento social e científico da medicina popular, reforçando a importância de se preservar os conhecimentos ancestrais sobre o uso de plantas medicinais, promovendo ao mesmo tempo a valorização da biodiversidade e o estímulo a pesquisas farmacológicas que podem resultar em fitoterápicos seguros e eficazes (5, 6).

OBJETIVOS

Investigar os usos tradicionais de *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze por moradores do bairro São Sebastião (Criciúma/SC), documentando formas de uso, indicações terapêuticas e relação com dados científicos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, aprovado pelo Comitê de Ética da UNESC (Parecer n. 7.471.598), realizado em abril de 2025, com aplicação da técnica de amostragem bola de neve (7). Foram entrevistados cinco moradores do bairro São Sebastião, identificados a partir de uma especialista local reconhecida pela comunidade por seu conhecimento sobre plantas medicinais (8). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com formulário adaptado de Rossato *et al.* (9), utilizando-se amostra *in natura* da planta previamente identificada no Herbário Pe. Raulino Reitz (CRI 16.749). As entrevistas abordaram: parte da planta utilizada, indicação terapêutica, modo de preparo, frequência e local de aquisição. Após a coleta, os dados foram analisados à luz da literatura científica por meio de buscas nas bases PubMed, SciELO e Google Acadêmico. Foram consideradas publicações que abordassem as propriedades fitoquímicas e farmacológicas da espécie, para confronto com os saberes tradicionais.

RESULTADOS OBTIDOS





Os entrevistados (três mulheres e dois homens, entre 26 e 64 anos) relataram uso frequente da *A. brasiliiana*, sobretudo das folhas, para tratar inflamações, infecções urinárias, feridas e dores de garganta. O uso se dá principalmente na forma de decocto (chá fervido), preparado com folhas frescas colhidas no próprio quintal ou obtidas com vizinhos. Não há armazenamento: a planta é colhida no momento do uso, geralmente com folhas roxas e viçosas. O nome popular mais referido foi “penicilina”, com variações como “terramicina” e “carrapicho”. A frequência de uso é diária durante os sintomas, sendo relatado efeito cicatrizante, anti-inflamatório e analgésico (14). Nenhum participante mencionou uso alimentar da planta. Os resultados apontam forte vínculo entre os conhecimentos transmitidos entre gerações e o uso prático da planta, em sintonia com estudos que destacam a centralidade das mulheres na conservação desses saberes (10). A literatura científica corrobora os relatos, indicando a presença de flavonoides, alcaloides, terpenos, fenóis e saponinas na planta, associados a efeitos antimicrobianos, antioxidantes, cicatrizantes, antivirais e anti-inflamatórios (3, 12). Diversos estudos destacam ações farmacológicas confirmadas em modelos *in vitro* e *in vivo*, como efeito antibacteriano frente a *Staphylococcus aureus* resistente à metilicilina (MRSA), ação cicatrizante em ratos imunossuprimidos e potencial hepatoprotetor e antitumoral em camundongos (13). A convergência entre os saberes populares e os achados científicos reforça a importância da *A. brasiliiana* como recurso terapêutico acessível e eficaz. Além disso, destaca-se a necessidade de regulamentação do uso seguro, como indica a Farmacopeia Brasileira (15), e o potencial da planta para futuras pesquisas farmacológicas e desenvolvimento de fitoterápicos.

CONCLUSÕES FINAIS

O estudo confirma a importância da *Alternanthera brasiliiana* como planta medicinal largamente utilizada na comunidade estudada. Os usos tradicionais estão alinhados com evidências científicas atuais, reforçando a necessidade de valorização dos saberes populares. Há potencial para a continuidade da pesquisa, visando à identificação detalhada dos compostos ativos, desenvolvimento de produtos fitoterápicos e ampliação da integração entre práticas populares e medicina científica.

REFERÊNCIAS

1. Rangel M, Bragança FCR. Representações de gestantes sobre o uso de plantas medicinais. Rev Bras Plantas Med. [Internet]. 2009;11(1):100-9. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722009000100016>.
2. Duarte MR, Debur MC. Characters of the leaf and stem morpho-anatomy of *Alternanthera brasiliiana* (L.) O. Kuntze, Amaranthaceae [Caracteres morfo-anatômicos da folha e do caule de *Alternanthera brasiliiana* (L.) O. Kuntze, Amaranthaceae]. Rev Bras Cienc Farm. [Internet]. 2004;40(1):1–8. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-93322004000100013>.
3. Brochado CO, Almeida AP, Barreto BP, Costa LP, Ribeiro LS, Pereira RLC, et al. Flavonol robinobiosides and rutinosides from *Alternanthera brasiliiana* (Amaranthaceae) and their effects on lymphocyte proliferation in vitro. J Braz Chem Soc. [Internet] 2003;14(3):449–51. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-50532003000300018>.
4. Rodrigues ES, Brito NM, Oliveira VJS. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por alguns moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia. Biodiversidade Brasileira [Internet]. 2021;11(1). doi: <https://doi.org/10.37002/biobrasil.v11i1.1645>.



5. Ceolin T, Heck RM, Barbieri RL, Schwartz E, Muniz RM, Pillon CN. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2011;45(1):47-54. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000100007>.
6. Maciel MAM, Pinto AC, Veiga Jr. VF. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. Quim Nova. [Internet]. 2002;25(3):429-38. doi: [doi:10.1590/S0100-40422002000300016](https://doi.org/10.1590/S0100-40422002000300016).
7. Salganik MJ, Heckathorn DD. Sampling and estimation in hidden populations using respondent-driven sampling. Sociol Methodol [Internet]. 2004;34:193-240. doi: [10.1111/j.0081-1750.2004.00152.x](https://doi.org/10.1111/j.0081-1750.2004.00152.x).
8. Lages LHM, Chagas JR, Santos MG. Plantas medicinais: os saberes locais entre os camponeses da comunidade da Fazenda Engenho Novo, São Gonçalo/RJ. In: Amorozo MCM, Ming LC, Silva PJS, organizators. Saberes locais e plantas medicinais. 2. ed. Botucatu: Editora da Universidade Estadual Paulista; 2020. p. 73-119.
9. Rossato AE, Pierini MM, Amaral PA, Santos RR, Citadini-Zanette V. Fitoterapia racional: aspectos taxonômicos, agroecológicos, etnobotânicos e terapêuticos. Florianópolis: DIOESC – Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina; 2012.
10. Badke MR, Budó MLD, Alvim NAT, Zanetti GD, Heisler EV. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. Texto & Contexto Enferm [Internet]. 2012;21(2):363-70. doi: [10.1590/s0104-07072012000200014](https://doi.org/10.1590/s0104-07072012000200014).
11. Bezerra JJ, Pinheiro AA, Melo HDC. Phytochemical and ethnomedicinal evidences of the use of *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze against infectious diseases. J Ethnopharmacol [Internet]. 2024;331:1-14. doi: [10.1016/j.jep.2023.117114](https://doi.org/10.1016/j.jep.2023.117114).
12. Khatri D, Lawati AM. Ethnomedicinal uses of plants by the communities of Bhimeshwor Municipality, Dolakha, Nepal. Himal J Sci Technol. 2022;6(1):29-37.
13. Barua CC, Ara Begum S, Talukdar A, Roy JD, Buragohain B, Pathak DC, et al. Influence of *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze on Altered Antioxidant Enzyme Profile during Cutaneous Wound Healing in Immunocompromised Rats. ISRN Pharmacol. [Internet]. 2012;2012:948792. doi: [10.5402/2012/948792](https://doi.org/10.5402/2012/948792).
14. Samudrala PK, Augustine BB, Kasala ER, Bodduluru LN, Barua C, Lahkar M. Evaluation of antitumor activity and antioxidant status of *Alternanthera brasiliana* against Ehrlich ascites carcinoma in Swiss albino mice. Pharmacogn Res. 2015;7(1):66-73. doi: [10.4103/0974-8490.147211](https://doi.org/10.4103/0974-8490.147211).
15. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira. 2nd ed. Brasília; 2021.